

A notícia esportiva em tempos de Copa do Mundo: emoção e argumentação

Margareth Andrade Moraes*

IFRJ

Resumo: Este artigo tem por objetivo expor os recursos linguísticos presentes nas notícias esportivas referentes às semifinais da copa do Mundo de 2014, publicadas no jornal *Lance!*, demonstrando como grupos nominais, verbos e demais construções contribuem para um direcionamento argumentativo nesses textos. Tendo em vista os pressupostos da Linguística de Texto e sua importância para a textualidade, conforme aponta Koch (2002), investigaremos as pistas textuais e sua função na construção da argumentatividade presente nessas notícias. Além disso, com base em Costa (2010), discutiremos como essa direção argumentativa promove uma “folhetinização da notícia”, à medida que investe, nos textos valores dramáticos, como a noção de vilão/herói, por exemplo. Por fim, demonstraremos ainda como tais recursos são empregados para emocionar o leitor.

Palavras-chave: notícias esportivas, argumentação.

Abstract: This article aims to expose the linguistic resources present in the 2014 World Cup sports news published in the *Lance!* Newspaper, demonstrating how nominal groups, verbs and other constructions contribute to an argumentative direction in these texts. Considering the assumptions of Text Linguistics and its importance for textuality, as Koch (2002) points out, we will investigate the textual cues and their function in the construction of the argumentativity present in these news. Based on Costa (2010), we will discuss how this argumentative direction promotes a "folding of the news", as it invests in dramatic texts such as the notion of villain / hero, for example. Finally, we will demonstrate how such resources are used to thrill the reader.

Keywords: Sports news, argumentation

Introdução

As notícias esportivas são textos caracterizados como textos narrativos, uma vez que relatam/contam os lances mais importantes dos jogos, descrevendo as ações com base em uma sequência cronológica. No entanto, ainda que se proponham a relatar os lances capitais de uma partida, não raro se percebe, nas notícias, um teor argumentativo

* Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), possui interesse nos temas Referenciação, Gêneros Textuais, ensino e leitura em Língua Portuguesa. Atualmente, é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: margareth.morais@ifrj.edu.br

e ideológico. Nesse sentido, pretende-se, neste artigo, verificar o papel argumentativo dos grupos nominais (substantivos, adjetivos/locuções adjetivas), além de discutir como esses recursos linguísticos contribuem para emocionar o leitor bem como garantir a adesão dos leitores ao projeto de dizer delineado nos textos.

Partilhamos da visão atual da Linguística de Texto de que a noção de referência não se restringe à equivalência das palavras aos elementos do mundo, mas abrange o fenômeno de uma construção conjunta de objetos cognitivos e discursivos, sempre tendo em vista as intenções dos sujeitos presentes na interação e seu contexto sócio-histórico (cf. MONDADA E DUBOIS, 2003, KOCH, 2002). As entidades nomeadas, portanto, são vistas como objetos de discurso e não como objetos de mundo; desse modo, os objetos são dinâmicos e não estáticos, podendo ser construídos, reconstruídos, recategorizados, contribuindo para o desenvolvimento e a progressão dos textos (cf. CAVALCANTE, 2011).

Desse modo, o presente trabalho – parte da pesquisa de Moraes (2017) – pretende discutir a funcionalidade dos elementos de nomeação em textos que não tenham, a princípio, um viés argumentativo, isto é, textos que não tenham como propósito principal o convencimento do interlocutor, como as notícias esportivas. Além disso, objetiva-se demonstrar como tais recursos constituem uma das estratégias empregadas pela editoria esportiva a fim de seduzir e emocionar o leitor. Discutiremos ainda como a imprensa esportiva costuma se afastar da imparcialidade, incorporando discursos que circulam nas torcidas bem como valores culturais relacionados às seleções e seus países de origem.

O *corpus* deste artigo é constituído pelas notícias esportivas que tratam das semifinais da Copa do Mundo de 2014, extraídas do Jornal Lance. O tratamento qualitativo dos dados observará a forma como os recursos empregados para

nomeação/retomada de referentes – como nomes de jogadores, técnicos e as seleções – se inserem nas notícias e quais são seus papéis textuais-discursivos, além da sua função argumentativa.

Texto e seus mecanismos de construção: a Referenciação

Segundo Koch (2002), todo texto contém marcas deflagradoras de pistas que orientam o leitor no seu percurso de construção de sentido. Portanto, a noção de texto aqui empreendida levará em conta que a construção de sentidos no texto não ocorre apenas pela sua materialidade linguística, como simples resultado de escolhas lexicais ou sintáticas, mas também pelas marcas enunciativas, pelas ações dos sujeitos na sua relação com e sobre o mundo. Deste modo, o texto não é um produto acabado, mas contém pistas que permitirão ao leitor percorrer caminhos na construção dos sentidos.

Pode-se dizer, então, que o processamento textual, seja para a produção de um texto ou para a sua leitura, depende da interação entre os interlocutores que atuam em conjunto, mobilizando uma série de conhecimentos – de ordem cognitiva, interacional, cultural e textual – para produzirem sentido. Esse processamento envolve um movimento por parte do leitor para estabelecer pontes entre informações novas e outras já fornecidas dentro do texto. Cabe ressaltar que essa relação não é simples nem explícita: exige inferências, interpretação de expressões referenciais e de outros mecanismos linguísticos.

Os processos de construção dos referentes – chamados dentro da Linguística de Texto de Referenciação – auxiliam na percepção dos caminhos gerativos de sentido dentro dos textos, colaborando, diretamente, para representação das intencionalidades e objetivos que compõem o ato da leitura. A referenciação se constitui como uma atividade discursiva, uma vez que o texto é o próprio lugar da interação entre sujeitos sociais, que compartilham todos os seus conhecimentos com a finalidade de atingir as

suas propostas comunicativas. São atribuídas à referenciação as funções de introduzir novos referentes no texto, além de contribuir para a sua progressão temática – atividades importantes para a construção de sentidos.

Desse modo, as formas de elaborar os referentes em um texto são resultados de escolhas frente a uma diversidade de formas de caracterizar o referente, de acordo com os sentidos pretendidos pelo produtor do texto. Essas formas ativam conhecimentos partilhados, como informações culturais, valores e crenças sobre características desses elementos, que podem levar o interlocutor a reconstruir a imagem do objeto em questão.

O gênero notícia esportiva

Em relação à linguagem, Barbeiro e Rangel (2006) destacam que o texto esportivo, de modo geral, detém maior liberdade no tratamento da matéria. Segundo os autores, na editoria de esportes, é perceptível humor e leveza, e o vocabulário, muitas vezes, consagra expressões populares, sendo mais criativo. Os autores afirmam ainda que os jornais e revistas esportivos adotam a descrição em detalhes dos jogos, os bastidores e há uma preocupação em passar ao leitor/telespectador a emoção proporcionada pelos esportes.

Além disso, os autores chamam atenção para o fato de que os esportes apresentam uma linguagem muito particular, principalmente quando tratam de futebol, com gírias e metáforas para lances do futebol, como “totozinho” e “tesoura”, que o editor esportivo não pode desconsiderar, principalmente no *Lance!*, que é um jornal inteiramente esportivo. Em vários manuais esportivos sobre futebol, há uma espécie de glossário com nomes de lances, jogadores e clubes não só de futebol como de outros esportes. Essas expressões e metáforas são características discursivas escolhidas para justificar a adesão do interlocutor, servindo também para emocionar os leitores, contribuindo ainda para a argumentação verificada nos relatos. De acordo com Oselame

(2012), o jornalismo esportivo, principalmente o de televisão, vale-se de linguagem mais informal, próxima do cotidiano do leitor/telespectador, principalmente, para garantir audiência.

Além disso, a notícia esportiva caracteriza-se como um gênero bem marcado quanto ao tempo, pois deve ser publicado no jornal, no máximo, um dia após a partida. O universo dos esportes é bastante dinâmico e ocorrem jogos de diferentes campeonatos simultaneamente, por isso há rapidez na divulgação, em edições expressas ou nas versões online dos jornais. Cabe ressaltar também que o gênero em questão é bastante marcado em relação ao contexto em que é produzido: os referentes, como nome de jogadores e técnicos, vão se modificando durante cada temporada de campeonato, pois há uma grande rotatividade de jogadores e técnicos no futebol, o que pode contribuir para a criatividade dos jornalistas e dos recursos empregados nesse gênero.

Nesse aspecto, a notícia esportiva se aproxima bastante de uma notícia ou reportagem de assuntos gerais por sua estreita ligação com a temporalidade, mas, ao contrário desta, não tem preocupação em informar um fato novo. Os leitores das notícias esportivas, provavelmente, já sabem o resultado das partidas (a maior parte dos jogos é televisionada, os resultados são anunciados em telejornais, fora a possibilidade de acesso a esses resultados pela internet). O interesse desses leitores é saber mais sobre os lances da partida, obter detalhes, pois o futebol é tópico frequente nas discussões cotidianas no Brasil.

Para descrever os lances da partida, é necessário que o jornalista descreva como o campo de futebol é organizado e como o uso do espaço pode contribuir para a eficácia ou fracasso dos times. As ações são apresentadas a partir do ponto de vista de um observador (cf. FIORIN, 1996, p. 104) que se instaura dentro do campo e assume a perspectiva ora de um time ora de outro a fim de apresentar uma maior credibilidade

para os lances narrados. Isso pode ser percebido em expressões como “chutou à direita do gol” ou “cruzou pelo lado esquerdo”, em que, para entender a demarcação espacial realizada, é preciso saber quem é o jogador (sua posição dentro do campo) e de que lado do campo ele está atuando.

Alguns recursos linguísticos contribuem para marcar o espaço, pelo uso de verbos e expressões adverbiais, como, por exemplo, “invadir”, “para fora”, “longa distância”, entre outros. Expressões como “invadir”, por exemplo, já carregam um conteúdo semântico específico que auxilia na demarcação o espaço. Se o jogador invadiu a área, certamente, ele se utilizou de um espaço que não lhe era lícito.

Expressões como escanteio, travessão, trave, impedimento, entre outras ajudam a orientar a percepção do enunciador sobre o espaço, segmentando-o. Para os que acompanham futebol, é uma possibilidade de julgar a ação do time para o qual torcem, se os jogadores estão se aproximando do seu objetivo ou não. São comuns nas narrações de jogo, escritas ou orais, as seguintes avalições: “o time não passa da linha do meio-campo” ou “só joga do meio pra frente”, “só dá chutão pra frente”, entre outras. Essas expressões contribuem para os efeitos de sentido nas notícias esportivas, tornando bem expressivas as ações dos jogadores, de modo que a impressão causada no leitor é a de um efeito de verdade, como se ele estivesse de dentro do campo assistindo às partidas. A descrição em detalhes dos jogos e dos bastidores refletem uma preocupação em passar ao espectador/leitor o a emoção proporcionada pelo futebol.

Nas notícias esportivas, é possível perceber que há, de algum modo, uma preocupação em tornar os textos emocionantes, dramáticos, principalmente na caracterização dos jogadores, que pode ser atribuído a essa nova tendência do jornalismo. Tal gênero, muitas vezes, é revestido de valores que causam adesão/apelo às

emoções do público leitor, cria uma relação de empatia e identificação a fim de garantir o consumo dos jornais.

Conforme Costa (2010), as Copas são ótimos exemplos para verificar como o jornalismo pode se valer de estratégias narrativas próprias dos romances para “folhetinizar” a informação e, portanto, emocionar o leitor. Traquina (2005) afirma que se poderia dizer que o jornalismo esportivo é um conjunto narrativas sobre triunfos e tragédias. Ainda de acordo com o autor, essas narrativas ecoam de narrativas antigas que criaram figuras míticas que, se apresentadas sob a forma de arquétipos como heróis, vilões e vítimas inocentes, se perpetuam. Essa definição de arquétipos ajuda a entender o motivo pelo qual, na cobertura jornalística dos eventos esportivos, a história do jogo ou da competição seja contada, em muitos casos, elegendo o goleiro como o “vilão”, por ter – na linguagem do futebol – “frangado”, isto é, falhado em um lance e, por isso, tomado gol ou um atacante como herói, como veremos nos textos que se seguem.

A notícia esportiva em foco: as semifinais da Copa de 2014

A primeira notícia a ser analisada trata do jogo entre Holanda e Argentina pela nas semifinais da Copa, conforme demonstrado abaixo:

(1) Corrida para o tri

Brasil decime que se siente. Daqui 20, 40, 50 anos, os argentinos vão lembrar que vieram ao Brasil e fizeram do país vizinho sua casa, sua morada. E que, na Copa do Brasil, quem foi ao Brasil foram eles.

A Argentina vai fazer a final do mundial em nossa casa com a responsável pela maior humilhação de nossa história: a Alemanha. O jogo de domingo no Maracanã será o tira-teima de finais de Copas: em 1986, os argentinos levaram a melhor sobre os alemães. Quatro anos depois, veio o troco.

A Argentina venceu a Holanda porque foi muito mais competente nos pênaltis, após 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, mas não foi só isso. Os Hermanos fizeram muito do que o time de Luiz Felipe Scolari, que deveria jogar no Maracanã domingo, não o fez na terça no Mineirão.

O time de Alejandro Sabella em nenhum momento abandonou sua proposta e só assim foi capaz de fazer frente à consistente Holanda do ótimo Louis Van Gaal. A partida de xadrez que durou 120 minutos mostrou o que é uma semifinal de copa do mundo. Como tudo deve ser.

Nenhum dos dois times foi melhor na Arena Corinthians e qualquer bola poderia decidir o futuro dessas duas gigantes. Robben, lembrando a final de 2010 diante da Espanha, teve essa bola aos 45 minutos do segundo tempo. Foi travado por Mascherano, um monstro.

O astro holandês jogou pro alto a chance de fazer história. E permitiu aos argentinos escrevê-la.

A Argentina de Messi, mas que ontem foi de todos. O craque estava apático, talvez como se quisesse provar que sua seleção poderia chegar a uma final sem ele. Chegou.

A Holanda, de novo, bate na trave e deve encerrar a geração de Robben, Sneijder e Van Persie.

Certo é que, assim como o 8 de julho para os brasileiros, esse 9 de julho nunca será esquecido pelos argentinos. No dia da independência do país, eles ficaram a um jogo de conquistar o Brasil, a eternidade. Brasil decime que se siente...

(PORTO, Marcio. *Corrida para o tri*. Jornal *Lance!* Rio de Janeiro, 10 de julho, p. 10)

Na notícia acima, já pelo título, pode-se perceber o direcionamento do texto para uma valorização da vitória argentina: “Corrida para o Tri” faz referência à possibilidade de a seleção argentina conquistar o tricampeonato mundial no Brasil, país com o qual mantém grande rivalidade no futebol. Embora a notícia narre a partida entre Argentina e Holanda, há diversas referências à seleção brasileira, que havia perdido um dia antes e estava, portanto, fora da final do mundial, contrariando expectativa geral de mais um título brasileiro. A notícia se inicia, inclusive, com o trecho de uma música cantada pela torcida argentina em provocação ao Brasil – “Brasil decime que se siente” – comparando a vitória da seleção argentina ao papel que deveria ter sido desempenhado pelo Brasil na competição.

Predominam as estratégias de nomeação formadas pelo recurso de repetição vocabular e as formadas por novas expressões referenciais na manutenção dos principais objetos de discurso do texto. A seguir, há um exemplo que retoma o objeto de discurso “Alemanha”:

A Argentina vai fazer a final do mundial em nossa casa com <u>a responsável pela maior humilhação de nossa história</u> : a Alemanha.

A expressão “a responsável pela maior humilhação de nossa história” apresenta um grande teor avaliativo, uma vez que faz referência ao episódio da derrota sofrida pelo Brasil por 7 x 1 para Alemanha. Além disso, o texto o tempo todo lembra que a Argentina disputaria a final no Brasil, reforçando a rivalidade existente entre Brasil e Argentina e sugerindo que, para o torcedor brasileiro, seria difícil escolher um lado nessa disputa.

Após essa introdução, a notícia, enfim, começa a entrar no seu assunto principal, comentando os lances de maior destaque entre Argentina e Holanda e informando que a partida foi definida somente nos pênaltis, já que houve empate em 0 x 0 no tempo normal e na prorrogação. No entanto, há uma preocupação em não descrever o jogo como “chato” por conta da ausência de gols no tempo normal, com se pode ver no trecho abaixo:

A Argentina venceu a Holanda porque foi muito mais competente nos pênaltis, após 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, mas não foi só isso. Os Hermanos fizeram muito do que o time de Luiz Felipe Scolari, que deveria jogar no Maracanã domingo, não o fez na terça no Mineirão.

A seleção argentina é retomada pelo substantivo “Hermanos”, como podemos ver acima, uma forma, de certo modo, irônica, comum nos textos esportivos, que também aponta para rivalidade entre Brasil e Argentina. Nesse trecho, há a comparação entre Argentina e Brasil, recategorizado como “o time de Luis Felipe Scolari”, enfatizando que a Argentina está ocupando o lugar que deveria ser do Brasil, na final realizada em território brasileiro.

Em seguida, as duas seleções são recategorizadas pela expressão “duas gigantes”, reforçando a relevância dessas duas seleções no cenário mundial. Ao descrever os últimos lances que poderiam ter modificado o placar da partida e a sorte de

cada time na competição, foi empregada uma expressão nominal que apela bastante para o conhecimento compartilhado dos interlocutores:

Robben, lembrando a final de 2010 diante da Espanha, teve essa bola aos 45 minutos do segundo tempo. Foi travado por Mascherano, um monstro.
O astro holandês jogou pro alto a chance de fazer história. E permitiu aos argentinos escrevê-la.

O grupo nominal “o astro holandês” refere-se a Robben, importante jogador holandês. Caso o leitor não conhecesse esse jogador, poderia chegar a essa conclusão por meio da arquitetura textual, já que o texto informa que ele teve “essa bola”, uma bola que poderia decidir o jogo. Logo, foi ele quem jogou para o alto a “chance de fazer história”. Há outras informações mais dependentes da bagagem cultural dos interlocutores, como a nacionalidade e a menção à final da copa de 2010, em que o mesmo jogador holandês também desperdiçou uma oportunidade de decidir o jogo.

A seleção argentina, ao final do texto, foi recategorizada pela expressão “Argentina de Messi”, para logo a seguir ser retomada como “a Argentina de todos”, finalizando a notícia com um destaque para a coletividade da seleção sul-americana, que não precisou do seu ídolo para chegar à final. O objeto de discurso Holanda foi retomado, ao final, pela estratégia de repetição vocabular.

Vale destacar, ainda sobre essa notícia, o emprego do pronome possessivo de 1ª pessoa do plural, em “nossa casa” e “nossa história”, que inclui interlocutor/leitor no texto, em uma mesma situação de sofrimento e decepção pela derrota brasileira. Nesse ponto, o jornalista abandona o efeito de neutralidade para construir um efeito de parcialidade: a seleção brasileira e os brasileiros são um só, agrupados sob o uso do pronome “nós”, como se pode perceber no excerto abaixo:

A Argentina vai fazer a final do mundial em nossa casa com a responsável pela maior humilhação de nossa história: a Alemanha. (...)
Certo é que, assim como o 8 de julho para os brasileiros, esse 9 de julho nunca será esquecido pelos argentinos. No dia da independência do país, eles ficaram a um jogo de conquistar o Brasil, a eternidade. Brasil, decime que se siente...

Há, no texto, uma oposição entre “nós” e “eles” revelada em alguns momentos da notícia, como na introdução, em que o jornalista começa dizendo que quem “veio ao Brasil e fizeram do país vizinho sua casa foram eles”, os argentinos. A partir desse momento, os argentinos são caracterizados como “eles” em oposição ao pronome pessoal de 1ª, “nós”, os brasileiros. Desse modo, são criados dois grupos antagônicos no texto, trazendo para o interior do discurso a rivalidade existente entre as duas torcidas.

Já no final do texto, a derrota brasileira e a vitória argentina são enfatizadas, nesse parágrafo final, pelas referências temporais: “o 8 de julho” e “esse 9 de julho”. É interessante notar o emprego do artigo definido e do pronome demonstrativo nesses sintagmas. O artigo definido (“o”) marca a data da derrota brasileira como conhecida do interlocutor, como um acontecimento histórico, já o pronome demonstrativo (“aquele”) sugere que essa data específica a cujo jogo o texto remete tornou-se especial para os argentinos, que, no dia da independência do país, conquistaram a vaga para final do mundial. Além disso, o uso demonstrativo parece apontar para fora do texto, para o momento do acontecimento, tornando-o também histórico.

Cabe ressaltar também a estratégia de abertura/encerramento da notícia, que se iniciou com os pronomes pessoais marcando a rivalidade entre as duas seleções, e se encerrou com as referências temporais, marcando a importância das datas para as duas seleções e também reforçando a rivalidade entre as duas equipes. Enquanto para os brasileiros a data era triste, para a Argentina era motivo de comemoração. Ou seja, a oposição nós/eles, criada no decorrer do texto, é reiterada pela oposição de resultados entre o 8 de julho da derrota do Brasil e o 9 de julho da vitória da Argentina.

Essa rivalidade é bem marcada, principalmente no início do texto, em que se encontram as referências mais diretas, como a citação à música cantada pela torcida argentina e o uso dos pronomes, e se espalha pelo resto da notícia com diversas alusões

à seleção brasileira. É interessante notar que a notícia tratava do jogo entre Holanda e Argentina, mas, a todo momento, o jornalista se refere à seleção brasileira.

Ao agrupar os brasileiros com o uso pronome pessoal “nós”, o jornalista reforça o tom dramático da derrota, afinal sofremos a “maior humilhação da nossa história na nossa casa”. A humilhação, portanto, não é da seleção brasileira, mas de todos os brasileiros, o que confere uma abordagem pessoal que visa ao apelo às emoções do interlocutor.

Além disso, a oposição entre Brasil e Argentina criada no texto conversa com a rivalidade entre essas duas equipes, demonstrando, assim, uma das intencionalidades do interlocutor, que se apropria do conhecimento dessa rivalidade para a construção do texto. Logo no subtítulo desta notícia, a frase “Brasil, decime que se siente” marca uma intertextualidade em relação a uma música entoada pelos argentinos durante a Copa, reforçando, para além das estratégias de referenciação, não só a oposição instaurada no interior do discurso, mas também como essa oposição foi apropriada em prol do projeto de dizer do texto.

A próxima notícia trata do jogo entre Brasil e Alemanha:

(2) Vexame! Brasil sofre a maior derrota de sua história e vê Alemanha chegar à final

Um dia 16 de julho de 64 anos atrás faria o Brasil chorar seu drama maior, o Maracanazo. Pois este 8 de julho de 2014 faz ele jorrar lágrimas para a maior das suas humilhações. De joelhos! A derrota mais vexatória do país celebrado mundialmente por ser o do futebol. O Estádio do Mineirão viu o triste capítulo de 50 ficar esmaecido, ao menos por ora, na história. Vai ser difícil lembrar daquele 2 a 1 para o Uruguai diante do que fez a Alemanha nesta semifinal. Uma tortura incomparável para os apaixonados pela equipe canarinho. Os germânicos, em 45 minutos, tornaram picadinho o sonho nacional de, enfim, conquistar o troféu em seu território. Um 7 a 1 que não dá margem a senões, ressalvas e paliativos. Não há razões possíveis para explicar tamanho resultado. As ausências de Thiago Silva e Neymar, que seriam motivos razoáveis para justificar uma derrota, não cabem para explicar o que se viu. A pior derrota dos pentacampeões em toda sua gloriosa história!

Depois de muito mistério na véspera, Felipão surpreendeu e escalou Bernard na vaga de Neymar. O menino com alegria nas pernas, na definição do próprio treinador, entrou para atuar pela direita, com Hulk na esquerda e Fred pelo meio. A ideia de ter um

meio de campo mais fortalecido, com Paulinho ao lado de Luiz Gustavo e Fernandinho, tentando assim neutralizar o setor mais criativo dos alemães, foi abortada em nome de tentar abafar a saída de bola rival. No início até parecia que a tática poderia dar resultado e o jogo seria disputado, com mais cara de uma semifinal entre as duas potências. Que nada! Bastou uma jogada de bola parada, arma letal dos europeus, para a filosofia derreter-se. Em um lance de perdição total da defesa, aos 10 minutos, David Luiz deixou Thomas Müller livre para fazer seu quinto gol neste Mundial.

A partir daí a Seleção sofreu um colapso inédito em seus mais de cem anos de história. A Alemanha fez seu toque de bola parecer fácil, ludibriando a marcação brasileira. No imaginário coletivo mundial os alemães jogaram como Brasil, com técnica apurada. Na zaga, Dante, que tanto foi celebrado como conhecedor das virtudes e defeitos do adversário por jogar no Bayern de Munique, foi presa fácil, assim como todo o sistema defensivo. Aos 22, Klose fez seu 16º em Mundiais e isolou-se como goleador máximo nessas 20 edições de Copa. Justo ele, o único atleta a jogar quatro semifinais de Copa. E uma espécie de Carrossel em vermelho e preto passou a desfilar, com um gol atrás do outro.

O desencontro brasileiro no gramado ficou evidente no gol de Khedira, aos 28 minutos. após linha de passe que mais parecia a tão brasileira "roda de bobinho". Antes, Kross fizera dois. Assim, Felipão e seus comandados foram inertes para o vestiário, com um 5 a 0 inimaginável.

No segundo tempo, Felipão fez o que muitos esperavam que fizesse no início. Povoou o meio, com Paulinho e Ramires, na tentativa de ao menos reduzir o vexame. Não houve trégua. Além de dois gols de Schürrle, que entrou no lugar de Klose, teve a eficiência do goleiro Neuer, que evitou que o Brasil descontasse com duas defesas imponentes. Já nos instantes finais, Oscar fez o de honra do Brasil.

A Alemanha vai para a decisão após esbarrar duas vezes na sequência nas semifinais e tentará, no domingo, dar à sua exuberante geração uma glória que ainda não veio. Espera pelo seu adversário, que pode ser a Argentina pela terceira vez ou a Holanda pela segunda. Já o Brasil tenta recolher os infindáveis cacos para defender seu orgulho no sábado, no Mané Garrincha, em Brasília, na disputa de terceiro e quarto.

(NETO, Valdomiro. *Vexame! Brasil sofre maior derrota da sua história e vê Alemanha chegar à final*. *Jornal Lance!* Rio de Janeiro, 08 de jul. 2014, p.24)

As expressões “vexame” e “maior derrota da sua história”, logo no título, já apresentam um rótulo negativo para o que representou a derrota para os alemães. Em seguida, o primeiro parágrafo retoma o dia 16 de julho de 1950, lembrando da derrota que ficou conhecida como “Maracanazo”, termo que será retomado pela expressão “o triste capítulo de 50” e, mais adiante, por “daquele 2 a 1 para o Uruguai”. Ambas as expressões nominais necessitam de muitas inferências e apelo a um conhecimento enciclopédico sobre a história da seleção brasileira. Por meio de pistas textuais, é

possível relacionar “Maracanazo” às expressões “triste capítulo de 50” e “daquele 2 a 1”, compreendendo ainda a dimensão emocional do que representou tal derrota brasileira, conforme se pode observar abaixo:

Um dia 16 de julho de 64 anos atrás faria o Brasil chorar seu drama maior, o Maracanazo Pois este 8 de julho de 2014 faz ele jorrar lágrimas para a maior das suas humilhações. De joelhos! A derrota mais vexatória do país celebrado mundialmente por ser o do futebol. O Estádio do Mineirão viu o triste capítulo de 50 ficar esmaecido, ao menos por ora, na história. Vai ser difícil lembrar daquele 2 a 1 para o Uruguai diante do que fez a Alemanha nesta semifinal.

Outro destaque fica por conta do uso do pronome demonstrativo “daquele” em “daquele 2 a 1 para o Uruguai” que retoma “Maracanazo”, em que tal pronome parece contribuir para recuperar (ou apontar) uma lembrança distante na memória do leitor. Dentro da arquitetura textual, a menção ao “Maracanazo” como maior derrota é utilizada como parâmetro para sugerir o que representou a derrota brasileira para Alemanha e justificar que a derrota de 2016 superaria a anterior. Ainda no mesmo excerto, pode-se notar que essa derrota foi recategorizada como “a maior de suas humilhações”, seguida pela expressão “de joelhos!” que, de certo modo, enfatiza a humilhação e a vergonha sofridas pela seleção, recategorizada em seguida como “país celebrado mundialmente por ser o do futebol”, o que também contribui para ampliar a sensação de humilhação, já que uma derrota tão expressiva não é o caminho natural para uma seleção mundialmente famosa e vitoriosa. Vale ainda destacar que esse último grupo nominal – “país celebrado mundialmente por ser o do futebol” – pode referir-se tanto ao Brasil como país quanto à seleção brasileira, como se as duas entidades fossem uma só. Essa ambiguidade contribui para dramatização verificada no texto, uma vez que, a todo momento, a derrota da seleção brasileira é descrita como motivo de tristeza para os brasileiros.

A seleção alemã, recategorizada como “os germânicos”, é retomada como a grande vilã que “tornou picadinho o sonho nacional de conquistar o troféu em casa”,

como se pode perceber pela predicação “tornou picadinho” e também por outras expressões que se seguem, como “tortura incomparável para os apaixonados pela “seleção canarinho”, em que se nota ainda a retomada do referente Brasil como “seleção canarinho”. A grandiosidade da seleção volta a ser destacada nesse parágrafo por meio do substantivo “pentacampeões”, que destaca a quantidade de títulos da seleção brasileira.

As formas de retomada do nome Brasil, embora ressaltem a história vitoriosa da seleção, são empregadas para ampliar a carga dramática atribuída à derrota.

Na continuidade do texto, são explicitadas as mudanças feitas pelo treinador na seleção brasileira para suprir a ausência de Neymar, machucado. Explicações que foram, em seguida, encapsuladas pelo substantivo “tática”, que, de acordo com o texto, não surtiu o efeito desejado, pois, logo no começo do jogo, o Brasil sofreu um “colapso inédito em mais de seus cem anos de história”, ao ficar paralisado frente ao ataque alemão. É interessante notar que a seleção vocabular corrobora o tom de melodrama do texto, principalmente pelo emprego do substantivo “colapso”.

Na sequência, a seleção alemã, recategorizada pelo uso de um vocábulo pouco comum, “tedescos”, é descrita como a dona do futebol e dos passes que deveriam ser da seleção brasileira. A seleção alemã foi retomada ainda pela expressão “uma espécie de carrossel vermelho e preto”, que faz referência às cores da camisa alemã naquela partida, vermelho e preto – resultado de uma estratégia de marketing da Adidas, patrocinadora da seleção alemã e do time carioca Flamengo – e ao apelido da seleção holandesa, “carrossel”. Esse apelido, atribuído à seleção holandesa da década de 70, reforçava o toque de bola que ludibriava os adversários. Como podemos ver, o conhecimento compartilhado sobre futebol é de fundamental importância para que se

chegue ao teor avaliativo – positivo – que tal expressão propõe ao associar uma característica do futebol holandês de 1974 à seleção alemã.

A palavra “vexame”, ao final da notícia, resume o que representou a derrota brasileira; o texto se encerra enfatizando que o Brasil, retomado por uma estratégia de repetição vocabular, terá de “recolher os infindáveis cacos para defender seu orgulho na disputa de terceiro lugar”. Tanto os substantivos utilizados como “vexame”, “cacos” quanto à adjetivação empregada tentam recriar e/ou ampliar a dimensão da tristeza e decepção da torcida brasileira frente ao resultado da seleção na Copa. O fechamento da notícia, para além de informar o próximo compromisso da seleção, busca emocionar o leitor, a essa altura, arrasado pelos acontecimentos.

Considerações Finais

Percebemos, por meio dos exemplos analisados que o gênero notícia esportiva é bastante atrelado ao contexto sociocognitivo, por isso as formas de referenciação nele verificadas dependem extremamente de conhecimentos compartilhados para sua interpretação. Construir a coerência desse enunciado, portanto, depende sempre de os interlocutores partilharem conhecimentos. Soma-se a isso a intencionalidade e os propósitos comunicativos do gênero textual em questão, pois, como foi possível perceber, a notícia esportiva procura destacar ou enfatizar lances, detalhes mais importantes do jogo de modo a garantir uma adesão emocional do seu interlocutor. Como foi possível observar por meio das expressões nominais destacadas, ainda que as notícias sejam caracterizadas por elementos narrativos, há uma orientação argumentativa que avalia os lances, as jogadas e os próprios jogadores. Além disso, também pode-se notar como tais expressões incorporam no texto aspectos culturais, referências da torcida, dentre outros valores.

Essa característica comprova o que já apontava Costa (2010), ao afirmar que os textos esportivos exploram recursos variados a fim de trazer humor, ironia e promover uma dramatização dos textos. Devido à especificidade do futebol – esporte em que a paixão ocupa um espaço simbólico privilegiado –, e do perfil de seus leitores, em sua maioria torcedores ávidos por adentrarem em um território repleto de grandes acontecimentos e de ídolos imortais, configura-se no jornalismo esportivo brasileiro um campo em que é proporcionada uma maior liberdade de investimento narrativo na construção da notícia. Esse apelo à emoção e à adesão do leitor ao futebol é bastante presente no jornal *Lance!*, sugerindo que o futebol, mais do que um esporte, para as mídias esportivas, é um produto que movimenta um mercado muito amplo.

Referências bibliográficas

- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CAVALCANTE, M.M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não-ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- COSTA, L. M. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **Revista Logos** - Comunicação e Esporte, Rio de Janeiro, v.17, n.2, 2. sem. 2010.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.
- KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CIULLA, A. *et alii*. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- MORAIS, M.M. **Referenciação em campo**: a construção de sentidos nas notícias esportivas. 2017. 181f. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- OSELAME, M. C. **Fim da notícia: o "engraçadismo" no campo do jornalismo esportivo de televisão**. 153 f. 2012. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.
- TRAQUINA, N. Ser ou não ser notícia? In: **Teorias do Jornalismo Volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.